

é pedido, mas só quanto a camas, porque as casas para pousarem devem ser de graça.

2.º Manda-se que sejam guardados os privilégios que certas cidades, vilas e lugares do reino tem de não pagarem portagem em nenhuma parte do reino. Incorre na pena de 2\$000 réis quem fôr contra tais privilégios.

3.º Cóncede el-rei perdão geral a todos os naturais do reino culpados de passarem para Castela pão, gados, ouro, prata e quaisquer outras cousas proibidas desde os anos passados até o presente dia 8 de Março de 1498, contanto que venham tirar carta de perdão e paguem 600 réis para a piedade.

4.º Revoga-se a ordenação que proibia trazer borzeguins a quem não tivesse cavallo, podendo portanto ser doravante usados por todos livremente.

5.º Para obstar aos inconvenientes de haver muitas varas de justiça e jurisdições distintas da jurisdição ordinária, tanto em Lisboa como noutras terras do país, suprimem-se as jurisdições de bêteiros de qualquer qualidade, de espingardeiros, monteiros, adiceiros, moedeiros, alcaldes do mar, coudéis-mores e pequenos, vedor de vasallos, etc.

(*Continua*).

P.<sup>º</sup> M. J. DA CUNHA BRITO.

## Ruínas de ruínas ou destroços igeditanos

### III. A ermida de S. Pedro de Vila-Corça

1. Elementos dêste estudo—2. Estado presente e causa das ruínas—3. Descrição da ermida—4. Considerações arqueológicas—5. Análise do toponímico e lenda—Apêndice.

*Estudemos os cantos da nossa terra ...* (J. de Vasconcelos).

#### 1

As ruínas desta curiosíssima igreja encontram-se em um sítio ermo, assombrado de altas estêvas e sobreiros anosos, próximo de Monsanto da Beira Baixa. Visitei-as há bons treze anos (Novembro de 1903); em 1904, o malogrado G. Clodomiro Gameiro fez as fotografias que ilustram esta notícia<sup>1</sup>. Voltei lá ainda nesse mesmo ano e, já

<sup>1</sup> Fica assim corrigido o lapso de 1904 por 1903 em *O Arch. Port.*, xiv, 169. Gameiro era desenhador do Museu Etnológico Português; eu era oficial.

ao sol pôsto, visei com a máquina o campanário. Em 1905, o recentemente falecido Dr. António J. Barbosa Correia, que tinha verdadeira admiração por esta jóia antiga da sua província, remetia-me uma planta das ruínas, tirada e cotada por êle próprio. Aqui deixo à sua boa memória a comemoração dêste serviço, de que, a meu pedido, êle tam dedicadamente se incumbira, para complemento de outras notas pessoais que eu tinha.

São estes os elementos de que disponho para agora elaborar êste trabalho, com o pensamento de o fazer quanto possível condensado, mas com a consciência de que devia ser mais profundo e minucioso. A minha descrição refere-se, pois, ao estado em que encontrei a ermida em 1903 e 1904 e que, um tanto estudadamente, observei e apreciei nessas duas vezes.

## 2

Quem observa êste monumento exteriormente, logo lamenta que êle esteja situado no recôndito de uma província, em que a população é pouco densa, as extensões enormes e os centros importantes muito distanciados. Se assim não fôsse, a desobstrução e reparação destas ruínas poderiam ter sido tentadas, porque a tarefa não seria excessivamente dispendiosa. Vieram abaixo os telhados, mas o esqueleto da construção conserva-se erecto, quási sem descalabro. Apenas, no interior, a fôlha de uma parede estava em derrocada. Os vãos das entradas e das frestas estão desguarnecidos, mas as impostas e arcadas intactas mantêm as suas sóbrias decorações; as paredes parecem esquecidas dos séculos que contam; os musgos é que atingem a espessura de florestas.

Quantas igrejas, por êsse país fora, nas quais nem cessou o culto, nem os vigamentos ficaram à chuva, ostentam do seu primitivo carácter menos do que esta, cujo abandono já não é das gerações actuais? Aqui existem apenas injúrias do tempo; salvo o devido respeito, são mais de temer... outras.

O estado de ruína da ermida de Vila-Corça pouco mais antigo é que século e meio<sup>1</sup>. No *Diccionario Geographico* (t. XXIV, s. v. *Monsanto*) vem uma noticia, que esclarece êste ponto.

---

<sup>1</sup> Diz-se que uma explosão do paiol, na fortaleza de Monsanto, determinou a ruína da construção e atribui-se o successo às guerras do principio do séc. XIX. Sempre me pareceu pouco plausível esta explicação.

Diz o pároco de S. Miguel de Monsanto que o terramoto de 1755 produziu a ruína do retábulo da ermida e ainda assim se conservava à data do seu depoimento (1758), em consequência dos magros recursos de quem era obrigado ao seu reparo—o povo<sup>1</sup>. Pode concluir-se destas palavras que foi então o início do descalabro desta preciosa ermida. A falta de reparações no séc. XVIII e o abandono do culto, talvez ainda dentro do mesmo século, levaram êste monumento ao estado em que o encontrei em 1903. Não deve ser mais idoso o bosquedo circundante.

## 3

A frontaria desta igreja é de impressionante austeridade. Mais larga que alta, toda de pedraria nua, apresenta uma empena de pequena elevação. (Est. 1).

O portal é de volta redonda. Desenham-no os simples pés-direitos de silharia horizontal, correspondente à das fiadas estruturais de toda a parede da frente e as aduelas da curva, que é composta de dois arcos concêntricos, dos quais o subjacente ou menor parece representar o papel de arco-dobrado<sup>2</sup>. Entre as ombreiras e os semicírculos, estreitas impostas de ressalto estabelecem uma transição de carácter só ornamental. O perfil da imposta à mão esquerda é constituído por uma faixa com labores de baixo relêvo, inferiormente à qual uma gola se estende; a imposta à direita apresenta idêntica faixa e, no lugar da gola, deixou-se um caveto com bolas para o lado do portal, *si rite recordor*. O prumo no eixo do vão marca 2<sup>m</sup>,45.

Atentando bem no paralelismo da silharia da fachada, o portal parece não ser mais que uma abertura praticada no paramento uniforme de uma parede contínua e preexistente, uma obra feita *après-coup*. Não é decerto êste um caso singular, mas o que aguça esta impressão é o tamanho do aparelho, em confronto proporcional com as dimensões modestas da fachada e do próprio portal.

Em algumas fiadas, vê-se bem a pedra estreita que serviu, por assim dizer, de fecho consecutivo ao assentamento de todos os outros silhares de grande aparelho. O pêso da parede cai em-cheio sobre o

---

<sup>1</sup> Sobre os efeitos dêste macrossismo em Monsanto, afirma que na vila nenhum edificio, igreja ou casa padeceram ruína; apenas na cidadela caíram algumas ameias de uma torre, que tinha 70 palmos de altura.

<sup>2</sup> Não ousou chamar a esta disposição, aparentemente reintrante, mas tam desataviada, arquivolta; «Le mot archivolte est l'un de ceux qui entraînent le plus d'équivoques», *Précis d'archéologie du moyen âge*, J. A. Brutails, 1908, p. 245.

arco da entrada, o que parece justificar o papel que attribuo ao arco menor<sup>1</sup>.

A certa altura da frontaria, três cachorros de forma cúbica, em alinhamento horizontal, denunciam-se como apoios robustos de vigas que sustentassem alguma alpendrada ou vestibulo. O seu desigual compasso explica-se talvez pela dimensão desigual dos dois primeiros frechais, que para ali foram destinados.

Um espelho<sup>2</sup> de pedraria, o qual, por ser lavrado em áspero granito, não deixa de ser um trabalho adorável, occupa o fastígio da empena. O seu contôrno externo é formado por aduelas maciças em disposição circular, com as arestas cortadas por uma larga chanfradura ornamentada a baixo relêvo, o que evitaria a projecção de sombras sôbre o buraco de luz. No tardo de estas aduelas, é que se engasta propriamente o monólito delgado, que, recortado em lóbulos, constitui o óculo iluminante da nave. O seu aro ou disco central é perfurado por um olhal de quatro lóbulos e o anular circunscrito é recortado em arcaria trilobada, que o traspassa em oito pontos<sup>3</sup>. Temos assim um espelho de estilo concêntrico, segundo a classificação de Lampez y Romea. (Fig. 1).

Não encontrei os restos da cruz antefixa da frontaria; é possível que, revolidos alguns destroços, que jazem no chão, esse emblema inesquecível apparecesse, mas não pude executar nenhum trabalho

---

<sup>1</sup> *Précis d'archéologie, etc.*, figs. 8 e 36. O mesmo A., na sua *Archéologie du moyen âge et ses méthodes*, contesta esta interpretação generalizada em todos os casos (p. 152 e sgs.).

<sup>2</sup> *O Archeologo Português*, xv, 177. Em um documento de 1504, diz-se: espelho, oússia (que corresponde etimologicamente a absíde), portal de pedraria, etc.

<sup>3</sup> Em uma carta sem data, mas que presumo ser de 1906, o falecido Dr. Barbosa Correia manda-me o desenho de uma chave antiga de latão com as dimensões de 0<sup>m</sup>,10 de comprido e 0<sup>m</sup>,05 de largo e encontrada junto da ermida. Pertencia ao Sr. Bernardino António de Almeida, morador em Monsanto e dono da ermida de Vila-Corça. Diz a carta mais isto: «Não creio que a chave servisse para uma fechadura, pois a secção da extremidade não é circular, mas sim quadrada. Apresenta mais de notável a chave o seguinte: a parte própria para se segurar na mão reproduz um *óculo ou fresta existente por cima da parte superior, da porta principal da capela*. É um trabalho grosseiro e parece antes feito de um pedaço de latão com uma lima do que fundida (pelo menos nalgumas partes)». Esta observação inédita é muito interessante, embora não seja rigorosamente exacta, porque o disco da chave tem só seis furos em volta de um olhal ao centro, que com êles comunica por seis raios. Estas chaves foram talvez amuletos com as virtudes das chaves de sacrário, as quais elas substituiriam industrialmente por simplificação e simbolismo.

dessa natureza. A empena era protegida por uma cornija rampante muito singela.

Lateralmente, a ermida teve duas entradas, mas, se bem me lembro, a do lado do Evangelho estava emparedada. A outra porta travessa é de arco semicircular, sem ornamentação alguma; a meia-espessura da parede, êsse arco enquadra um tímpano liso, que se estriba em duas impostas formadas por silhares do paramento. Nas paredes laterais, as fiadas não tem a regularidade quasi geométrica de assentamento, que caracteriza as da fachada. Há também, na parede dêste lado, cachorros ou dentilhões cúbicos, destinados aos frechais de algum alpendre colateral, mas em nível inferior aos que assinala na frontaria. Por baixo do beiral ou friso do telhado, espaçavam-se verdadeiros modilhões, uns lisos, outros figurados. (Fig. 2).

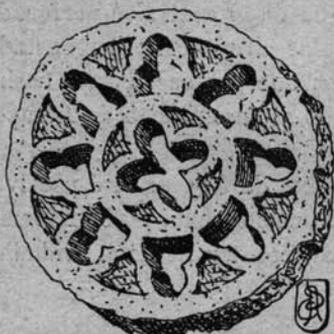
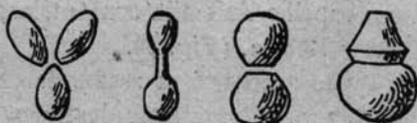


Fig. 1

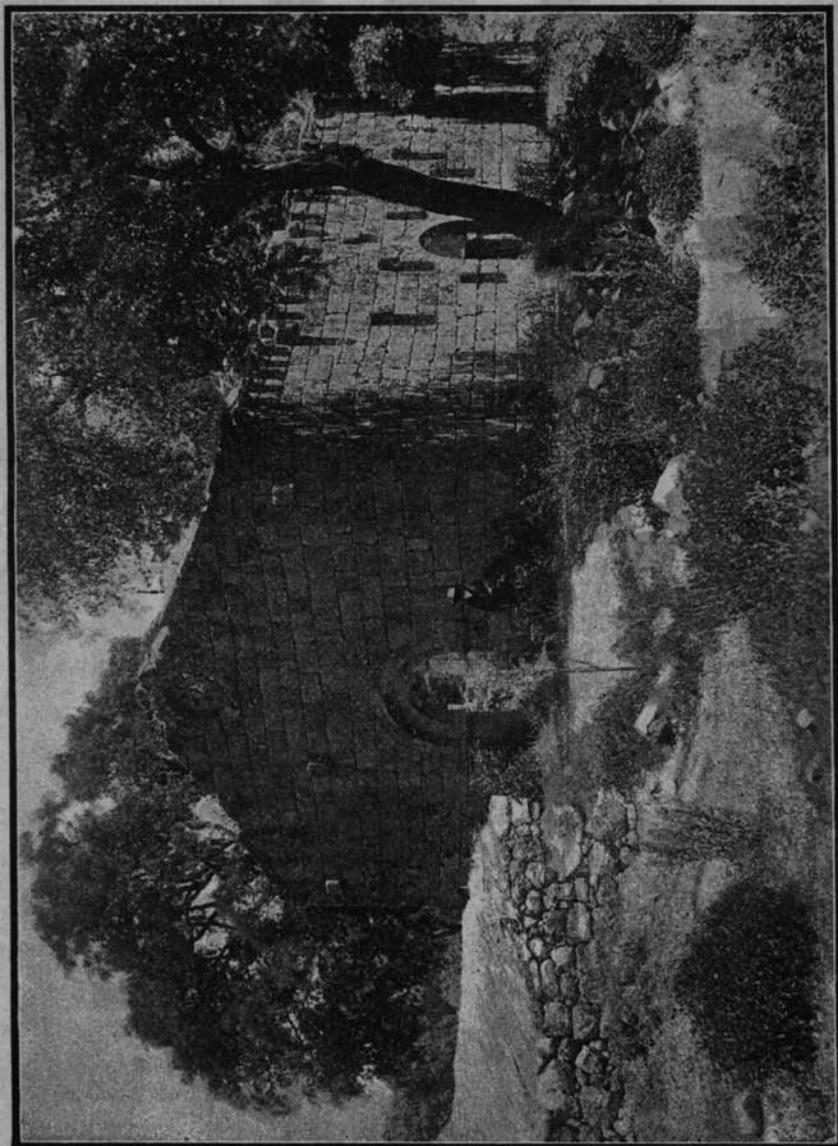


## modilhões

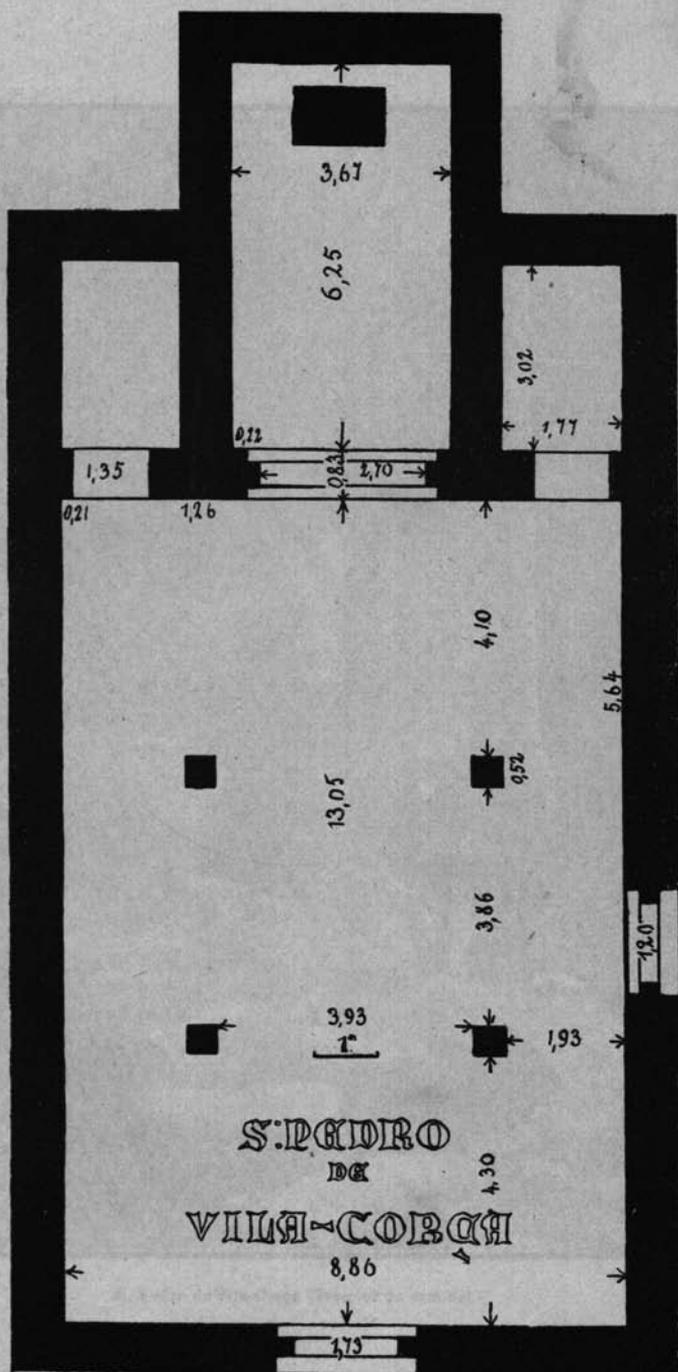
Fig. 2

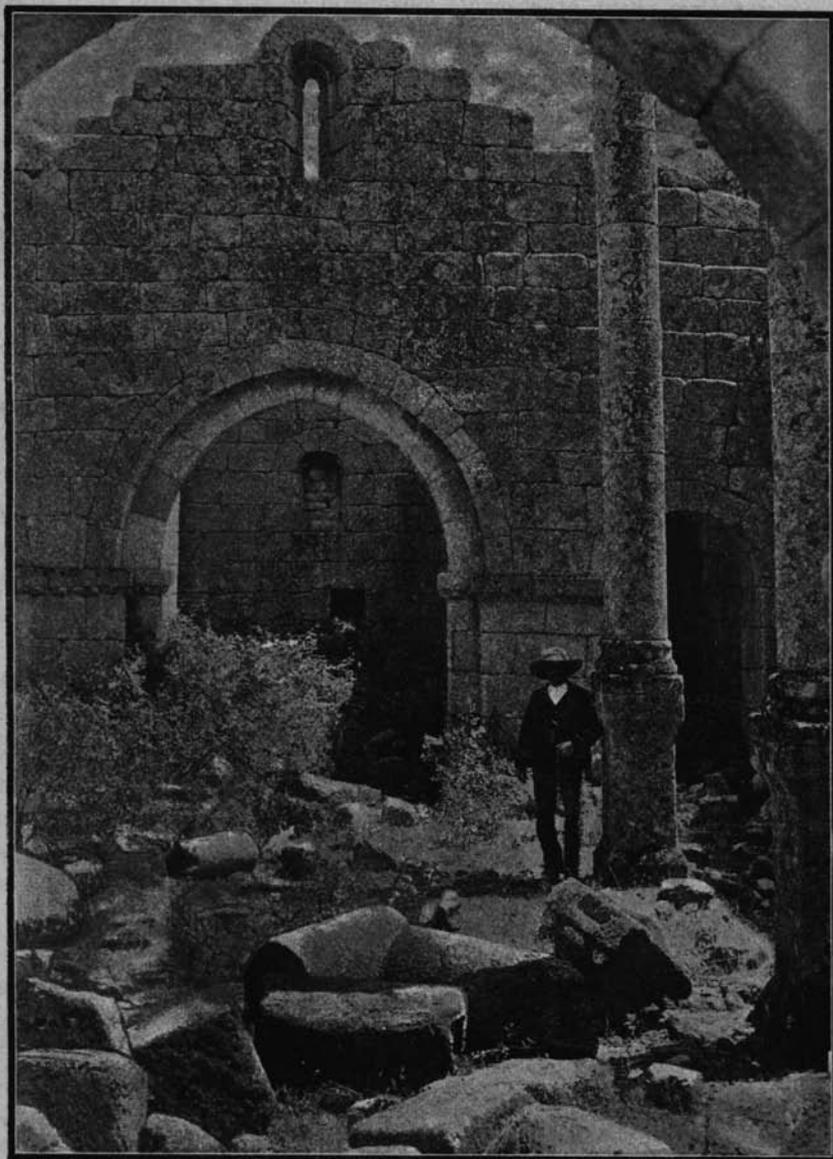
Transpunhamos a silenciosa ruína pela entrada principal. A nave da ermida era dividida por altas, esguias e cilíndricas colunas de tambores, firmadas em pedestais paralelepípedicos, cujo corpo central era reintrante por meio de chanfros. Duas de cada lado do eixo longitudinal da igreja e nos alinhamentos devidos, isto é, das ombreiras do portal às do arco cruzeiro. Estas colunas sustentavam, não arcadas, mas o vigamento aparente do telhado, tanto quanto o posso afirmar. No chão, não se viam aduelas de pedra e pelo contrário conhece-se nos capitéis o encaixe das vigas. Por isso, não formavam naves colaterais, como a planta parece indicar; na fachada não se encontra a forma concernente a esta espécie de estrutura basilical. (Est. II).

A parede do transepto assinalava-se pela sua tríplice abertura, a do arco cruzeiro e de dois arcos laterais de menor diâmetro. Aquele era constituído por dois semicírculos sobrepostos, sendo o externo e



S. Pedro de Vila-Corça (Fachada e lado meridional)





S. Pedro de Vila-Corça (Interior da ermida)

maior formado por lisas aduelas, miúdas e irregulares. A curva dêste é aparentemente semicircular, mas o arco interno e subjacente, uma espécie de arco-mestre ou dobrado, como no portal, é ligeiramente ogivo e as aduelas são de dimensão decrescente desde a do someiro até à do fecho.

As impostas são formadas por silhares de ressalto, um pouco mais estreitos que as fiadas do aparelho, e ocupam todo o intervalo dos três arcos. Só as impostas da banda do Evangelho são ornadas com bolas. Os dois arcos laterais eram da maior singeleza, sem arcos dobrados, nem impostas. Sobre o cruzeiro, uma fresta esguia e interiormente embuzinada, furava a parede, vertendo escassa luz para dentro da nave.

A base das colunas cilíndricas, grosseiramente trabalhada, parece de tipo ático. O capitel inspirava-se no jónico, mas com a maior crueza, sem arte nem sentimento. Capitel e ábaco formavam uma só peça; neste embebia-se o frechal do vigamento, como se pode ver em uma das pedras tombadas da estampa III.

Em alguns silhares do interior da ermida, viam-se as cruzes de consagração em número de sete; a fôgrafia deixa ver uma ao lado esquerdo do arco cruzeiro; já notei que havia algumas pedras desmoronadas e por isso podia ser maior o número daqueles emblemas<sup>1</sup>.

Penetremos nas três capelas absidais de planta rectangular, separadas da nave pela parede do cruzeiro. A central é, naturalmente, a mais espaçosa, prolongando-se bastante o seu corpo posterior; devo considerá-la a oussia ou capela-mór. Estes três compartimentos não tinham comunicação directa entre si; abriam para a nave e assim devia ser; o contrário é que seria anómalo. Só a oussia tinha luz do exterior e essa mesmo mal iluminaria o acto de culto, que aí devia celebrar-se. Uma fresta ou lumieira na parede posterior era tudo.

Dentro da absíde<sup>2</sup> central, encontrei por terra duas pedras que deviam ter constituído um altar do tipo de mesa. Era primeiramente um pilar, em forma de paralelepípedo, que media 0<sup>m</sup>,40 por lado e

---

<sup>1</sup> ; O pároco depoente de 1758 diz que esta ermida é muito antiga e foi sagrada, e J. B. de Castro (*Mappa de Portugal*, II, 157), reproduz a crença de que esta igreja foi a primeira que no mundo se erigiu a S. Pedro! Que o dissessem em Espanha...

<sup>2</sup> Julgo que não se deve hesitar em fazer grave esta palavra, ao contrário dos espanhóis. É que, em latim, só o nominativo é *ábsis*; em todos os outros casos, a segunda sílaba é longa; ora não é do nominativo que eia nos deriva.

0<sup>m</sup>,91 de alto. Na face superior, vê-se o sepulcro litúrgico, pequena cavidade rectangular, cujos bordos tem um rebaixo, onde devia ajustar-se o opérculo de madeira. A mesa do sacrificio era um monólito, cuja superfície zenital media 0<sup>m</sup>,90 por 1<sup>m</sup>,50 e na espessura cerca de 0<sup>m</sup>,17. Os lados eram reintrantes por meio de uma moldura em quarto de círculo côncavo. É fácil calcular que a altura total desta disposição era de 1<sup>m</sup>,08. Símbolo gravado ou em relêvo, nenhum<sup>1</sup>. (Figs. 3 e 4).

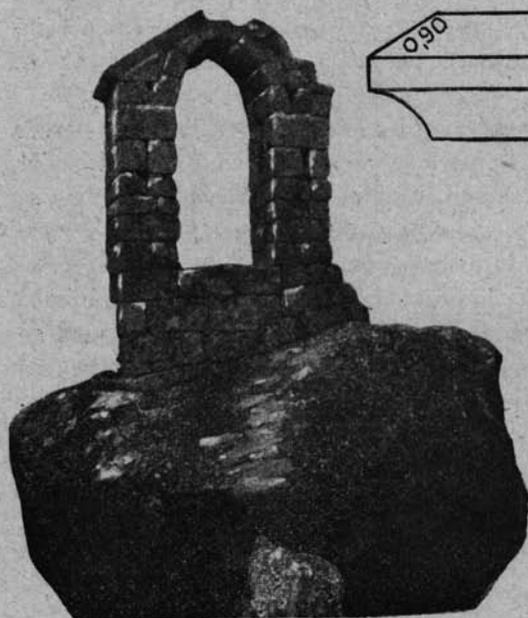


Fig. 5

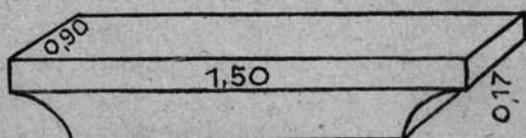


Fig. 4

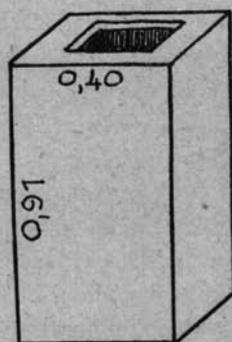


Fig. 3

O campanário da ermida erguia-se sobre um enorme penedo ou *barrôco* (termo local), situado a pouca distância. A elevação da empena recorda a da igreja de Boêlhe (séc. XII). Se este torreão encimasse a frontaria da ermida, como sucede em muitas igrejinhas românicas do norte de Portugal e, dada a disposição da colunata interna, a ilusão basilical de S. Pedro de Vila-Corça seria completa<sup>2</sup>. (Fig. 5).

<sup>1</sup> A existência irrefragável deste altar apoia a interpretação que dei ao paralelepípedo, onde foi gravada a inscrição oncial da Gemieira (*Archeologo Português*, XIV, 39).

<sup>2</sup> De nenhuma das vezes, levei bússola para orientar a ermida com exactidão.

## 4

A feição latina e primeva desta construção sugestionou-me desde a primeira visita, que lhe fiz nos fins de 1903<sup>1</sup>. Creio bem que o estudo dela devia ser levado mais longe, de maneira que este exemplar de arquitectura cristã da idade média, o qual aliás não pode deixar de se attribuir à época românica (sécs. XI a XIII), merecesse alguma atenção das estações officiais e artisticas.

Se considerarmos em separado alguns elementos desta construção, poderíamos cair em graves erros cronológicos; efectivamente a planta aparenta caracteres muito antigos com a existência de corpos colaterais, que as colunas estabelecem<sup>2</sup>; com a disposição da pseudo-absíde mais saliente e avantajada que a dos absidiolos laterais, como em S. João de Baños, S. Salvador de Val-de-Dios . . .<sup>3</sup>. Fachadas com espelhos são caracterizadamente românicas; o arco cruzeiro de Vila-Corça anuncia já algo de transição na sua curva ogiva.

Em alguns elementos desta construção, tiveram poderoso reflexo as influências clássicas latinas, que gravitavam no território igeditanense.

Os capitéis são copiados dalguns da Idanha-a-Velha, onde há restos de uma basílica de que em breve me occuparei. Infelizmente nenhuma inscrição comemorativa encontrei, mas julgo que posso chamar para a ermida românica de Vila-Corça a curiosidade dos competentes.

## 5

O tópico desta solitária capela deu causa à fixação neste lugar de uma lenda bastante ramificada. Contudo *Vir-a-Corça* (tal é a pro-

---

<sup>1</sup> Não tinha sido ainda publicada a obra monumental de Lamperez y Romea, mas C. Enlart acabava de aparecer, e não só este como outros publicistas e revistas diziam o bastante para que S. Pedro de Vila-Corça me causasse desde logo uma grande sedução. Outros estudos meus tinham porém precedência na publicação, e por isso é só, treze anos passados, que trago à luz um estudo aliás deficiente sobre esta notável ermida.

<sup>2</sup> Quem olhar as plantas da Travanca, de Lourosa, de S. Cristóvão (Coimbra), etc., é tentado a fazer um confronto imediato com a de S. Pedro de Vila-Corça, se bem que sejam aqui rectangulares as divisões absidais e os pilares sustentem, não arcadas, mas simples madeiramentos, atenta a sua fragilidade (Vid. Joaquim de Vasconcelos, *Ensaio sobre a arquitectura românica em Portugal*, n.ºs 47 e 82, in *Arte e Relíquias da arquitectura romano-byzantina em Portugal*, por A. Filipe Simões, est. 2.ª).

<sup>3</sup> V. Lamperez y Romea, *Historia de la Arquitectura cristiana Española de la Edad Media*, pp. 46, 204 e 275.

núncia seguida) é um nome de carácter geográfico. Está por *Vila-Corça* e sabe-se como são vulgares, sobretudo no norte de Portugal, os toponímicos derivados dos antigos domínios rurais, a que o latim medieval conservou a designação de *Villa*. De *Villa* fez-se a pronúncia de *Vira*, por um fenómeno que ainda hoje vigora na dialectologia portuguesa, embora seja estranhável talvez na Beira. Mas vejamos a história progressiva da palavra.

Na Chancelaria de D. Dinis, vem uma carta de mercê para a feira anual junto da *Ermida de S. Pedro de Vila-Corça*, a instâncias do concelho de Monsanto, com a data de 20 de Setembro da era de 1346 (ano 1308). Junto em apêndice o texto dessa carta, que transcrevi no Arquivo Nacional. ¡Já não há feira, nem memória dela!

Além disto, o pároco de S. Miguel de Monsanto, a quem já me referi no princípio deste estudo, refere-se no seu depoimento a uma permuta de D. Dinis com a Sé da Guarda, sobre o senhorio de Alter

*san jo de vila corça*

Fig. 6

do Chão e outros bens e direitos do respectivo cabido, no ano de 1292. Procurei o documento e foi-me fácil encontrar o seu registo no *Índice de officios & terras de D. Dinis*. Duas vezes se lê, no códice do Arquivo Nacional, *san p.º de vila corça*, com a maior clareza, grafia que eu aqui reproduzo em fac-simile<sup>1</sup>. (Fig. 6).

Eis pois como o toponímico se conservava puro nos sêcs. XIII e XIV, não havendo fundamento para agora o adulterarmos.

A lenda dos anacoretas é portanto de posterior acomodação. Mas ainda quero observar que nos toponímicos, em que o primeiro elemento é *villa*, o segundo, se é substantivo, acha-se em genitivo ou é precedido da preposição *de*; quando isto não succede, com raríssimas excepções, este segundo elemento é um adjectivo em concordância com *villa*. É pois provável que, no toponímico *Villa-Corça*, este último vocábulo oculte algum adjectivo sem relação alguma com o conhecido *tòtem* de Sertório. Quem pois quiser seguir uma dição histórica e de pronúncia segura, terá de escrever e ler *Vila-Corça*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Vem assim indicado no *Índice: Carta de Escambo da Sé da Guarda com Elrey pelas herdades da Ermida de S. Pedro de Villa-Corça*, na palavra *Alter do Chão*; Liv. 2.º, fl. 41. Tem a data de 20 de Agosto da era de 1330 (ano 1292).

<sup>2</sup> Na freguesia de Povolide, concelho de Viseu, há também um lugar de *Vila-Corça*, assim designado. Indicou-o o sr. Pedro de Azevedo na *Corografia* de J. M. Baptista, vol. VI, 573. Em Espanha é que há mesmamente uma igreja de *S. Pedro de Villacorça*, na Estremadura, ao S. de Llerena; E. Hübnér publica inscrições romanas dessa povoação no *C. I. L.*, II, 1036 e 1038.

Desta forma, a remota origem do sítio ascende ao período da pacificação romana e perpetua-se através do médio evo, resistindo, nesta região de Portugal, à ocupação muçulmana, para surgir redi-viva em um documento do séc. XIII; o que é bem mais nobilitante, mais positivo e mais histórico do que a insubsistência de uma lenda vagabunda e de adaptação posterior, pelo menos, ao séc. XIV.

A antiguidade do sítio, que aliás pertence à célebre região igedi-tânica, presume-se ainda pela existência de romagens que se faziam a esta ermida de S. Pedro, na fé da cura das hérnias, pesando-se os doentes a medidas de trigo<sup>1</sup>. A feira de 11 dias, instituída por D. Dinis, não é senão uma modalidade da tradição centrípeta desta *villa* romana<sup>2</sup>.

De *Villa* passou-se pois a *Vira* e fácil foi derivar para uma eti-mologia popular *Vir-a-corça*. A lenda agiológica vem comentada in-tegralmente no depoimento paroquial de 1758, que publico em apên-dice. Limito-me aqui a dizer que nela intervêm uma *corça*, que *vinha* alimentar uma criança e que esta, crescendo, se tornou anacoreta, junto da mesma ermida de S. Pedro e recebeu o nome de Amador, em segunda vida<sup>3</sup>.

Do tugúrio de Santo Amador existia uma escavação feita na rocha, na qual se vêem umas cavidades que serviam de cantareiras; diz-se que havia ali hospitalização de romeiros e enfermos. É de supor que estes enfermos fôsem os que procuravam a água da *Fonte-Santa*, no flanco do cabeço, água cuja eficácia nos achaques de pele está comprovada<sup>4</sup>. Esta fonte só tem curso no verão; no inverno dizem que seca.

Lisboa, Junho de 1916.

F. ALVES PEREIRA.

<sup>1</sup> De outros vestígios fala-se em *O Arch. Port.*, v. 301.

<sup>2</sup> Vejam-se *As vilas do Norte de Portugal*, por Alberto Sampaio, in *Portu-galia*, I, 97. O que é raro, penso eu, é aparecerem tópicos desta espécie na região central e meridional portuguesa.

<sup>3</sup> O livro *Croyances et légendes du moyen âge*, por A. Longnon et G. Bonet-Maury (Paris, 1896), traz referências a um Santo Amador, alvo de outras lendas; e, ocupando-se dos animais que fazem parte de narrações lendárias, alude ao importante papel que o veado ou a corça aí representam. O *Agiolégio Lusitano* dá Santo Amador como natural de Monsanto (*op. l.* de Maury, pp. 256 e 382). Houve uma ordem religiosa hospitalar de Roca-Amador (*Rocamadour*) a que alude Viterbo (*Elucidario*, etc., II, 290). Êste A. já celebra o *Hermitagio de S. Pedro de Villa-corça* (*sic*) no vol. II, 33.

<sup>4</sup> Diz-me o meu amigo de Monsanto, P.<sup>o</sup> Joaquim Vaz de Azevedo, a quem agradeço estas informações, que além da *Fonte-Santa*, situada a 300 metros da ermida, há a *Fonte da Corça*, a meia dúzia de passos, de água natural.

## APÊNDICE

## I

Liv. 3.º das Doações de D. Dinis, fl. 64 v., col. 2.º

Don Denis p̄la gr̄a de deg<sup>1</sup> Rey de Port̄ e do Alḡue Aq̄ntg esta c̄ta uir̄e faço sab̄r q̄o Conçelho de monst̄o m̄euyou pedir por m̄cee q̄ eu lh̄y desse h̄ua mha c̄ta p̄ q̄ fezessem feira na h̄mida de sam P.º de Vila Corça e q̄ seeria meu suiço e pl<sup>2</sup> da tr̄ra. E eu q̄rendo lh̄y faž gr̄a e m̄cee tenho por b̄e q̄ a façã h̄y e começesse affaž t̄es dias añt affesta de San P.º q̄ he no mees de j̄ũio e dure esses t̄es dias e Viiij<sup>3</sup> depos esa festa. E todos aq̄ls q̄ ueer̄e a essa feira p̄ Razõ de uendr̄ ou de q̄p̄r<sup>4</sup> seiã seguros da hyda e da uyda. E m̄ado q̄ n̄o seiã penhorado nos m̄es Reing por n̄e h̄ua divida en aq̄ls t̄es dias q̄ ueer̄e a essa feira (nem aquelles dias q̄ durar esa feira) e ã aq̄ls t̄es dias q̄ sse for̄e depois q̄ essa feira sair. E ponho tal encouto<sup>5</sup> q̄ q̄ q̄r̄ q̄<sup>6</sup> mal fež aaq̄les q̄ aad̄ta feira ueer̄e peit̄e ami sex mil p.º e dobre aq̄lo q̄ filhar<sup>7</sup> asseu sen.<sup>r8</sup> E todos aq̄ls q̄ ueer̄e aessa feira 9<sup>9</sup> sas m̄chandas<sup>10</sup> pagūe os d̄itos<sup>11</sup> q̄ deūe pagar da d̄ta feira. En test.º desto dei ao d̄to Conçelhõ esta c̄ta. Dãt. en Coimbra. xx dias de Setembro. elRey o m̄adou A.º m̄tiz<sup>12</sup> Affez. E. m̄. c̄cc. x2uj. Anos<sup>13</sup>.

## II

Extracto do «Diccionario Geographico» (memórias paroquiais)  
t. XXIV, v. Monsanto

«A quarta (ermida) é a do Apóstolo S. Pedro com o título de Vir a Corça, o qual lhe resultou de um grande milagre, que por intercessão do mesmo santo a rogos de um ermitão chamado Amador obrou Deus Nosso Senhor e por tradição é o seguinte: que vendo-se affita uma matrona com as dores do seu parto, esquecida das obrigações de Católica chegou a proferir esta praga: que no instante que o feto saísse à luz, viessem os demónios todos e o levassem por esses ares; o que na realidade assim succedeu; e espavorido o tal Ermitão com o rugido e estrondo que aqueles espiritos infernais faziam com a apreensão da criança, que já levavam pelos ares, com a maior dili-

<sup>1</sup> Deus.—<sup>2</sup> Serviço e prol.—<sup>3</sup> VIII.—<sup>4</sup> Comprar.—<sup>5</sup> Multa, penalidade.—  
<sup>6</sup> Que quemquerque.—<sup>7</sup> Tomar, lançar mão.—<sup>8</sup> Senhor.—<sup>9</sup> Com.—<sup>10</sup> Mercadorias.—<sup>11</sup> Direitos.—<sup>12</sup> Afonso Martins.—<sup>13</sup> Era M · CCC · XLVI corresponde ao ano de Cristo 1308.

gência, que lhe permitiu o susto, se pôs em oração pedindo nesta ao mesmo santo lhe revelasse a causa de tam horrendo e estranho caso e certificado dela replicou ao Santo fôsse servido que por intercessão sua os tais príncipes das trevas lhe fizessem deituação do dito inocente; o que com efeito se executou e vendo-se perplexo e sem meios para criar e dar sustento à mesma criança, a breves passos appareceu uma corça, fazendo oferta dos seus peitos para lhe dar o leite, sustento de que mais necessitava e com repetição desta dádiva que todos os dias fazia duas vezes de manhã e à tarde chegou a criar-se o tal menino, que com a boa educação que lhe deu o dito ermitão, gastou os dias de sua vida no exercício de anacoreta com o mesmo e por morte de ambos, pareceram uns ossos muito odoríferos, que ainda hoje existe parte deles em um cofre com toda a decência na minha igreja<sup>1</sup> mas não há clareza, tradição ou notícia de qual dos dois seriam, e que é certo que o dito ermitão lhe pôs também o seu nome de Amador: e também ainda se conserva a gruta aonde viviam e hoje com mais recato pela diligência ou devoção do meu prelado o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Bernardo António de Melo Osório que certo da tradição dêste milagre e das vidas de um e outro a mandou reparar com uma parede de cantaria, pondo-lhe por porta uma grade de ferro para que com menos trabalho e mais fácilmente se visse o interior da mesma gruta. É muito antiga e também sagrada esta ermida e foi do Sr. rei D. Dinis com o qual fez permuta a mitra e cabido da cidade da Guarda pelo castelo de Alter dos Chãos, dando-lhe além da dita ermida várias fazendas que hoje são prazo do mesmo Cabido; o que consta de uma carta que há sôbre esta troca no Arquivo da dita Sé . . . »

Esta lenda parece relacionar-se com o successo de Simão Mago. Conta-o o *Flos Sanctorum*, em dia de S. Pedro. Êste, vendo um dia Simão-o-Mago elevar-se ao ar diante da turba, fascinada por esta prova do seu poder, conseguiu, prostrando-se em oração, que as «sombras infernaes» que sustinham o Mago, o deixassem e o provocador se despenhasse de grande altura (Fr. Diogo do Rosário, *História das vidas, etc.* Coimbra 1577, 2.<sup>a</sup> edição). O rapto da criança pelos diabos é a efectivação da praga rogada pela mãe, numa hora de impaciência. Mas a obra de fr. Diogo do Rosário ainda não fala

---

<sup>1</sup> S. Miguel de Monsanto. O pároco, autor dêste depoimento, *Ayres Francisco de Proença e Sylva*, diz que existe, na sua igreja, uma *autentica da sagração, gravada em gótico*. Data da notícia, 20 de Maio de 1758.

de Santo Amador (1577) e J. Cardoso no *Agiológio Lusitano* (Lisboa 1657) já desenvolve a lenda de Santo Amador e seu discípulo e da guarda dos seus ossos num cofre forrado de setim<sup>1</sup>. Além disto, justifica a sua narração dizendo que ela lhe constou de um *sumário de testemunhas tirado pelo licenciado Miguel Freire Machado, prior de S. Miguel da vila de Monsanto, arcepreste nela e seu distrito a 17 de Julho de 1640 e de outros papéis e relações de pessoas fidedignas naturais dela* (Monsanto), *nas quais se conserva mui fresca a tradição*<sup>2</sup>. Informa ainda que Santo Amador é invocado para maleitas, trazendo os enfermos terra da sua sepultura (debaixo do altar-mór) ao pescoço e ainda para o pulgão e lagarta dos campos; e S. Pedro (a imagem milagrosa)<sup>3</sup> para quebraduras (*op. laud.* t, II, pp. 32 e 33).

A. P.

### Os registos de santos<sup>4</sup>

**Catálogo dos «registos» compreendidos em 4 volumes in-folio grande que pertenceram a Anibal Fernandes Tomás, e hoje estão na posse do Museu Etnológico Português<sup>4</sup>**

#### Introdução

Preâmbulo.—I) Significado etnográfico dos REGISTOS de santos.—II) Significado artístico dos mesmos REGISTOS.

#### Preâmbulo

O povo, isolado dentro da sua acção, isto é, ao abrigo de toda a sugestão exterior e directa, manifesta nas múltiplas provas de vitalidade uma feição própria. Ao atentar nestas práticas, observam-se

<sup>1</sup> Do *Agiológio* a extraiu o P.<sup>o</sup> Manuel Bernardes para o seu *Pam partido em pequeninos*, que serviu de texto ao Sr. A. Tomás Pires nas suas *Investigações etnográficas* publicadas na *Revista Lusitana*, XII, 62.

<sup>2</sup> Penso que não existe o volume impresso, a que se refere uma notícia da *Enciclopedia das Famílias*, t. VIII, p. 85: *O Castelo de Monsanto*.

<sup>3</sup> A imagem existente, que é de madeira, parece dos fins do séc. XVII; é um S. Pedro litúrgicamente enluvado, sentado, na mão esquerda as chaves, na dextra o gesto de benzer à latina, na cabeça a tiara; face barbada. Em 1613, fundou-se em Monsanto uma irmandade de S. Pedro; informação do Sr. Dr. José Ferreira da Trindade, para quem o meu agradecimento.

<sup>4</sup> Estes quatro volumes foram comprados para o Museu pelo seu Director, o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, que me encarregou de estudar os *registos*, e de os catalogar. Cf. a *História do Museu*, pelo mesmo, Lisboa 1915, p. 231, nota.